



Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Avante por um 1.º de Maio de luta PELO PÃO! PELA LIBERDADE E PELA PAZ!

Está a ser distribuído em todo o país o manifesto da Comissão Executiva do Comité Central chamando os trabalhadores a um 1.º de Maio de luta. — «Para os trabalhadores portugueses, jazendo sob a ditadura fascista de Marcelo Caetano, tal como ontem sob a ditadura fascista de Salazar, o 1.º de Maio é, principalmente, um dia de luta pelo pão, pela liberdade e pela paz» — afirma o documento, que dá as palavras de ordem para o 1.º de Maio:

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

comissões de unidade concentrações, paralisações greves

mais de 60.000 trabalhadores em luta nos primeiros 45 dias de 1969!

Uma poderosa vaga de lutas reivindicativas vem crescendo de volume e amplitude desde inícios de 1969. Greves, paralisações, concentrações, reuniões massivas nas próprias empresas com o debate amplo das exigências dos operários, assim como a reactivação da luta sindical — dão bem a prova do papel de vanguarda do proletariado na luta anti-fascista. A classe operária de Lisboa, margem sul do Tejo e Baixo Ribatejo, conjuntamente com os valentes ferroviários, abrem com a sua acção novas perspectivas na luta popular de massas.

Com o seu instinto de classe, o proletariado português compreende que o momento é particularmente favorável para a luta vitoriosa pelas suas reivindicações económicas. E, como afirma o Partido Comunista, o desenvolvimento da luta económica é, na etapa actual, uma das mais decisivas formas de combate contra o fascismo, de participação na luta política das vastas massas trabalhadoras.

Greve na Ford e na General Motors

Os 900 operários das fábricas de montagem de automóveis da General Motors e da Ford, na Azambuja, declaram-se em greve, exigindo 25\$00 de aumento de salários. A produção ficou totalmente paralisada nas 2 fábricas e a greve continuou com a ocupação destas pelos operários.

Greve na COVINA

Em meados de Fevereiro os operários da Covina (mais de 1.000) fizeram greve por aumento de salários. Perante a firme decisão dos operários de continuarem a greve, o governo mandou encerrar a fábrica no dia 15 de Fevereiro. Mas a combativi-

dade dos grevistas forçou logo o governo a publicar a nova tabela de salários mínimos para a indústria vidreira e a prometer rápida revisão do Contrato Colectivo de Trabalho.

Greves na CEL-CAT e na Diogo Ávila

Na CEL-CAT, com cerca de 600 operários, depois dum dia de greve, seguido de trabalho lento, os operários obtiveram o pagamento do 7.º dia. Todos os operários da Fábrica de Cabos Avila (cerca de 500) fizeram greve de 24 horas no dia 21 de Janeiro exigindo aumento. Conseguiram 15\$00 de aumento diário e 10\$00 para as mulheres. As greves nestas 2 fábricas foram quase simultâneas.

Greve na UTIC

Os operários desta empresa (cerca de 1.000) fizeram em princípios de Janeiro uma greve de braços caídos dentro da fábrica em apoio das suas reivindicações (continua na 5.ª pág.)

- Luta contra a carestia e por melhores salários!
- Luta pela Liberdade e pela Democracia!
- Luta pelo fim da guerra colonial e o regresso dos soldados!

O manifesto aponta a grandiosa vaga de lutas operárias desencadeada nos últimos meses, como uma viva demonstração de que só através da luta os trabalhadores conseguem ver melhorada a sua situação.

Sublinhando que o momento político é favorável ao desenvolvimento da luta pela liberdade, na qual a classe operária desempenha o papel de vanguarda, a Comissão Executiva apela à unidade e organização, à acção unitária dos trabalhadores e de todos os democratas. E dá o grito de alerta: «Nada de compromissos com o inimigo!».

A luta contra as criminosas guerras coloniais e por uma política de paz e relações amigáveis com todos os povos, inscreve-se entre os primeiros deveres internacionalistas que o Partido Comunista aponta ao nosso povo na jornada de solidariedade internacional dos trabalhadores.

O ESPANTALHO DA GUERRA CIVIL não fará recuar o proletariado e os democratas A HORA É DE OFENSIVA

As lutas populares de massas por objectivos concretos imediatos são a via segura a percorrer para chegar a um amplo movimento nacional democrático organizado e ramificado em todos os centros de concentração do proletariado, nas fábricas e nos campos; entre os camponeses, os estudantes, e os intelectuais, capaz de abrir amplas e reais perspectivas ao povo português para as batalhas decisivas por uma mudança de governo e de regime num sentido verdadeiramente democrático.

Nos últimos meses, esta via vem sendo seguida firmemente pela classe operária, pelos estudantes, pelos democratas — firmemente, mas ainda com certa lentidão, com amplitude insuficiente, com grandes deficiências de organização, há que reconhecer-lo.

A classe operária portuguesa toma decididamente o seu lugar de vanguarda na luta contra o fascismo, lançando-se em acções de massas cada vez mais enérgicas e melhor organizadas, como o demonstram à evidência as recentes concentrações massivas, paralisações, greves, pelas reivindicações económicas e sociais, contra a política de conge-

lamento de salários do governo de Marcelo Caetano.

O desenvolvimento progressivo da luta da classe operária é um factor decisivo para o impulso e maior amplitude da luta geral do povo português contra o fascismo. Isso mesmo o compreendem os governantes fascistas que a tudo recorrem para o impedir. Na sua arenga de 10 de Fevereiro, M. Caetano levantou os espantinhos da «subversão» e da «guerra civil», atribuindo caluniosamente tais objectivos aos adversários do regime, como se não fossem os fascistas que há 42 anos «subvertem» o País! Como se não fossem os fascistas que empurram os portugueses para a guerra civil! Quem semeia ventos colhe tempestades, mas estas não podem assustar a classe operária e os democratas dignos desse nome. O ministro do Interior Rapazote clama, por sua vez amedrontado, que a simples reivindicação se passa à greve que paralisa e que esta «é um factor primordial da guerra civil».

O que o governo do «liberalizante» M. Caetano pretende é que os trabalhadores se submetam docilmente à vontade dos seus exploradores, definida pelo (continua na 2.ª pág.)

JORNADA DO 31 DE JANEIRO MILHARES DE DEMOCRATAS pela Liberdade e a Democracia

Democratas de variadas opiniões, operários e jovens em especial, procuraram por todos os modos que as comemorações do aniversário do movimento revolucionário do 31 de Janeiro decorressem no Porto sob a bandeira da mais larga unidade.

Este sentimento esbarrou, porém, com o espírito discriminatório e divisionista de alguns democratas que se intitulam socialistas. Tendo obtido autorização para realizar a sessão no Coliseu, começaram por procurar controlar a venda de bilhetes a fim de impedir a entrada de «indesejáveis» não fosse a sessão ultrapassar os marcos da «legalidade», da «compostura» e romper «os compromissos de civismo aos quais se devia a autorização

da sessão».

A discriminação e o anti-comunismo só servem o fascismo

No seu discurso, o dr. Mário Soares pronunciou-se pela unidade das forças democráticas e pela luta por reivindicações políticas fundamentais.

Porém, correligionários seus, organizadores da sessão, opuseram obstáculos à unidade, sob o estafado pretexto dos «queimados» e declarando «os trabalhadores não», «os jovens não», entre outras afirmações discriminatórias.

Após a sessão, alguns «socialistas» ajudaram à «interferência» (continua na 2.ª pág.)

O ESPANTALHO DA GUERRA CIVIL

(continuação da 1.ª pág.)

Instituto Nacional de Trabalho e Previdência, como declarou com descaro o ministro Rapazote. Quanto aos democratas em geral, ou abdicam dos seus ideais e se submetem definitivamente à «ordem» fascista, enquadrando-se na União Nacional, ou serão considerados «subversivos» e como tal tratados. «Nós não podemos correr o risco de um abalo social que nos lance na guerra civil!» afirmava M. Caetano em 10 de Fevereiro.

É claro como água que a camarilha caetanista procura assim aterrorizar largos sectores das classes médias descontentes com a sua política favorável aos monopólios e intimidar a classe operária e as massas trabalhadoras, os estudantes e intelectuais, os democratas portugueses que nos últimos meses vêm intensificando e alargando as suas lutas por melhores condições de vida, por uma Universidade para a Nação, contra a guerra colonial, pela amnistia e contra a repressão, pelas liberdades democráticas.

Mas o desenvolvimento da luta popular não pode ser travado. Todos saberão ver que na linguagem arrogante e ameaçadora dos governantes fascistas não passa duma manifestação de fraqueza, pois não é forte um governo que ante o clamor popular contra a sua política e pela liberdade ape-

nas tem como argumentos a ameaça e o uso da violência.

A hora é, pois, de ofensiva e não de hesitações e de temores. Ofensiva da classe operária e das massas trabalhadoras por aumento de salários e outras reivindicações de carácter económico e social. Ofensiva dos estudantes por uma Universidade para a Nação, pela defesa do direito de associação, pela autonomia da Universidade. Ofensiva dos intelectuais pela abolição da censura, pela liberdade de criação, pelo direito de associação. Ofensiva na frente de luta propriamente política por eleições livres, pela amnistia, pelo fim das guerras coloniais, pelas liberdades democráticas.

Ofensiva para organizar a classe operária e restantes trabalhadores em centenas e milhares de Comissões de Unidade, Grupos de Actividade, Comitês, nas fábricas e outros locais de trabalho, nas cidades e nos campos. Ofensiva para organizar os democratas em centenas e milhares de Comissões Democráticas de Unidade, Comissões Cívicas, Comissões Eleitorais, Comissões de Candidaturas.

Ofensiva pela Unidade de Acção de todos os democratas e de todas as forças democráticas, unidade indispensável para criar no País as condições necessárias para a ofensiva final que derrubará o fascismo e instaurará a democracia.

O anti-comunismo

NÃO SERVE A CAUSA DA LIBERDADE

Tomando os seus desejos por realidades, alguns democratas ditos socialistas estão procurando impôr-se como força política com acção legal, não tanto pela luta consequente por dádida do regime fascista ou pela transformação progressiva deste em regime liberal. Outra coisa não pode depreender-se dum documento subscrito por 240 individualidades, que parece dirigir-se «À Nação» mas que, na realidade mais deve ser considerada uma representação dirigida ao chefe do governo, Marcelo Caetano. Aliás, em carta a este dirigida com a data de 16 de Dezembro passado, são os próprios signatários que expressam o desejo de que seja aquele «O PRIMEIRO LEITOR DO DOCUMENTO».

Ao declararem-se socialistas anti-totalitários, ao falarem na integração de Portugal «de pleno direito, no mundo livre (sic) a que geográficamente pertence»; ao afirmarem que o vocabulário da guerra fria, «tendente a reviver a pior histeria anti-comunista dos anos 50, nem é compatível com o necessário rejuvenescimento das estruturas arcaicas do nosso País nem serve os desígnios do Ocidente, que se pretende acatular», embora não pareça, arvoram lamentavelmente o espantoso anti-comunista que, hoje como ontem, serve apenas a causa dos inimigos da liberdade e da democracia.

Ao proclamarem que o propósito do fascista Marcelo Caetano, expresso no seu discurso de 27

de Novembro passado, visa a generalizar num país despolitizado, dividido e incerto quanto ao seu próprio destino nacional, um clima novo, de renovação e de esperança...», quer queiram quer não, levam água ao moinho do fascismo. Tornam-se assim o eco da demagogia «liberalizante» do governo, cujo objectivo confessado é consolidar o regime fascista e não qualquer mudança de rumo num sentido liberal.

Como não lamentar, e conosco certamente muitos outros democratas, que os 240 socialistas anti-totalitários declarem, no citado documento intitulado «À Nação»?

«Têm os signatários a consciência das dificuldades que se reveste para o governo a política de liberalização (sem aspas) que se tem afirmado intentar. Essa política que se lhes afigura a única possível, (sic) na conjuntura presente, não a tomam como uma concessão ou graça régia, mas antes como uma clamorosa exigência nacional». E noutra passagem: «Promova, pois, o governo, decisivamente a liberalização do país — (...) — e verá que encontrará, em todos os sectores responsáveis (sic) compreensão (o que não exclui, evidentemente eventuais (re-sic) discordâncias quanto às soluções em concreto que for ensaiando e aquele crédito que tão importante lhe é para poder fazer face, com coragem e decisão (re-re-sic) aos trabalhos que o reclamam».

Não é no povo, não é nas forças democráticas unidas que se confia para conquistar a liberda-

(continuação de 1.ª pág.)

de Moscovo», à «voz de Moscovo», enquanto ceiro furioso, clamava: «os comunistas fizeram-me mais mal numa noite que os fascistas em 40 anos» (III) (Carombal deve tratar-se dum grande combatente anti-fascista...)

Tornou-se assim evidente que uma das causas das actuais dificuldades que o País atravessa, é calorosamente aplaudido por aqueles mesmos que no decorrer da sessão protestaram veementemente contra as atitudes discriminatórias e divisionistas de alguns.

Uma grande jornada pela Democracia contra o fascismo

Gracias aos esforços e combatividade dos democratas unitários, o 31 de Janeiro no Porto não se resumiu a uma insípida aula de história.

Embora contra o desejo dos seus promotores, a sessão do Coliseu do Porto foi uma grande jornada de luta pela democracia e a liberdade, contra o fascismo. Grande parte dos 3.000 estudantes, trabalhadores e jovens em particular, ergueram bem alto a sua bandeira de luta, continuamente, durante toda a sessão, nos gritos de «Unidade! Liberdade! Abaixo o fascismo!», «Abaixo a PIDE!», «Abaixo a repressão!», «Eleições livres!», «Fora a Censura!», «Trabalhadores e estudantes unidos!», «Os trabalhadores e os estudantes que-

rem [salar!], «Traição, não!».

Quando um orador se referiu a alguns nomes de democratas que passaram pelas prisões, o assistente perguntou com veemência: «E Bento Cerqueira?», «E Manuel Rodrigues da Silva?», «E Bento Gonçalves?», seguindo-se imediatamente longos aplausos e gritos de «Amnistia!», «Liberdade para os presos políticos!».

Em grandes cartazes erguidos podia ler-se: «Unidade!», «Abaixo Fascismo-Imperialismo-Colaboracionismo!», «Regresso dos Soldados». Uma chuva de tarjetas tombou sobre a assistência com os dizeres: «Unidade — Eleições Livres — Regresso de Rui Gomes».

No final, os 3.000 assistentes aprovaram um telegrama a enviar ao governo exigindo Amnistia aos presos políticos, regresso dos exilados e eleições livres.

Manifestação pelas ruas do Porto

Terminada a sessão do Coliseu, cerca de 500 operários e estudantes desceram a rua Passos Manuel até à Rua Santa Catarina e viraram depois para a antiga rua 31 de Janeiro, dando Vivas à Liberdade e gritando: «Abaixo a guerra colonial!», «Amnistia!», «Abaixo o fascismo!», «Socialismo!».

A brutalidade das forças repressivas dispersava os manifestantes que se reagrupavam pouco depois. Grupos de estudantes conseguiram chegar até à praça da Universidade onde se sentaram no chão gritando: «Abaixo o fascismo!».

Num outro grupo que cantava, um pide agrediu um estudante, mas foi imediatamente derrubado por outros estudantes. Valearam-lhe outros bandidos da Pide que acorreram de pistola em punho dispersando os estudantes.

Unidade-Amnistia Liberdade-Democracia Eleições livres

Estas consignas de combate estiveram também presentes noutras actos comemorativos de 31 de Janeiro realizados no Porto, Viana do Castelo, Braga, Guimarães, Famalicão Aveiro, Coimbra e Viseu, com a presença total de alguns milhares de democratas.

O 31 de Janeiro de 1969 foi uma grande jornada de luta pela Unidade, pela Amnistia, contra a guerra colonial, pela democracia que importa prosseguir com determinação.

Situando-se na vanguarda da luta contra o fascismo, a classe operária, juntamente com os valentes estudantes, deve impulsionar a batalha pela organização das suas fileiras, mobilizar forças para os novos e grandes combates que se avizinham, pelo pão, a democracia e a paz, arrastando atrás de si todas as forças sãs e progressivas da Nação.

SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL

(continuação de 5.ª pág.)

cional das Mulheres, do Comité das Mulheres Soviéticas, do Comité das Mulheres Búlgaras, da Organização das Mulheres da Coreia, da União das Mulheres Italianas, da Liga Democrática das Mulheres Finlandesas, da Federação dos Combatentes Anti-Fascistas e da Cruz Vermelha da Checoslováquia, dos sindicatos da República Socialista Húngara.

Unidade-Organização-Acção, eis a palavra de ordem que se deve tornar comum a todos os democratas portugueses!

60.000 TRABALHADORES EM LUTA

(continuação da 1.ª pág.)

O patronato cedeu, passando ao pagamento mensal (com todos os domingos pagos e as regalias dos mensais), mas alguns operários foram presos. Os colegas fizeram novas paralisações enquanto eles não foram libertados e reintegrados.

Greve na Robbialac

Os 200 operários da Robbialac de Sacavém realizaram uma concentração fora da empresa, recusando-se a trabalhar enquanto a gerência não decidisse finalmente dar-lhes os aumentos pedidos há muito. A polícia chegou em grande força, mas os operários resolveram entrar na fábrica, onde se mantiveram de braços caídos, enquanto a Comissão de Unidade eleita por todos voltava a apresentar as reivindicações. Venceram. Além de aumento de salários obtiveram o 7.º dia.

Greve na Trefilaria

Na 3.ª semana de Janeiro todo o pessoal resolveu iniciar uma greve de braços parados na Trefilaria de Sacavém (cerca de 400 operários). O turno do dia iniciou a acção, sendo depois secundado pelo turno da tarde, como forma de pressão para obrigar a gerência a ceder às reivindicações que lhe vinham sendo apresentadas pela Comissão representativa dos operários. Obtiveram a vitória. Passaram todos a ganhar ao mês, com as respectivas regalias, incluindo o pagamento de todos os domingos.

Greve na Lisnove

Cerca de 2.000 operários da Lisnove do Seixal fizeram greve durante toda a manhã do dia 31 de Dezembro. Já depois da paralisação, 750 operários rodearam o presidente do Conselho de Administração, eng. Vasco de Melo, expondo-lhes as suas reivindicações de pagamento de todos os domingos e aumento de salários.

Concentração e paralisação no Arsenal

No dia 9 de Janeiro algumas centenas de operários realizaram uma concentração junto da administração. No dia seguinte, os 2.300 operários do Arsenal paralisaram o trabalho durante uma hora para discutirem os seus problemas e elegerem uma comissão encarregada de elaborar e apresentar as reivindicações. A discussão dos 2.300 operários, realizada em cada secção, foi colectiva e amplamente democrática. Dias depois, era apresentada à administração uma exposição com as reivindicações, entre as quais aumento de salários, o pagamento dos domingos, melhoria da assistência médica, do sistema de licenças, das condições de trabalho, etc.

Greve na Inter — No dia 1 de Fevereiro os operários desta empresa de tabacos fizeram uma greve de braços caídos por aumento de salários.

Na Perry & Son

Apoiando as suas reivindicações, os operários da margem-sul recusaram-se a fazer horas extraordinárias. A seguir foram os operários da margem de Lisboa que iniciaram também a recusa de serões, exigindo da mesma forma o aumento de salários e o pagamento do 7.º dia.

Na Portugal e Colónias

Valente luta dos operários contra a brutal intensificação de trabalho. Na semana de 19-26 de Janeiro após a entrada das novas máquinas que ensacavam muita mais, exigindo maior esforço dos operários (cujos ordenados não foram aumentados paralelamente ao aumento da produção), estes desligaram as máquinas. Os prejuízos foram grandes. A direcção chamou o exército para obrigar os operários a trabalharem, mas não o conseguiu.

Greve na Simões

Cerca de 1.200 operários (na maioria mulheres) desta empresa têxtil de Benfica, fizeram greve por aumento de salários e outras reivindicações que há muito vinham levantando.

A onda de lutas reivindicativas cujo foco se situa por agora na região de Lisboa e à sua volta, tem que alargar-se a novas regiões e novos sectores. O número de vitórias já obtidas, prova que lutas simultâneas ou coordenadas têm maior poder ofensivo contra o fascismo e o patronato. Prova a importância da organização unitária (comissões ou outras formas) que possa conduzir rapidamente a luta dumhas fases a outras superiores, com o apoio da massa operária e com a decisão, tomada democraticamente em amplas assembleias, sobre as reivindicações e as formas de luta a seguir.

TRABALHADORES DE TODO O PAÍS! Operários e empregados da indústria e dos transportes, assalariados rurais, pescadores: A HORA É DE OFENSIVA!

OS 30.000 FERROVIÁRIOS não devem esperar

Só quando os ferroviários resolverem usar a linguagem da luta unida em todos os serviços, linhas e oficinas, conseguiram fazer ouvir a sua voz. Só então a C.P. e o governo se viram forçados a vir a público justificar-se e fazer promessas de um aumento — irrisório — julgando que assim mais uma vez impediriam os 30 mil ferroviários de ir para diante na sua justa luta por melhores condições de vida. Porém, a magnífica e pronta reacção dos ferroviários, referida no último número do «Avante!», obrigou o governo e a C.P. a aumentarem substancialmente a verba global que se tinham mostrado dispostos a dispendir.

Rompendo o silêncio imposto

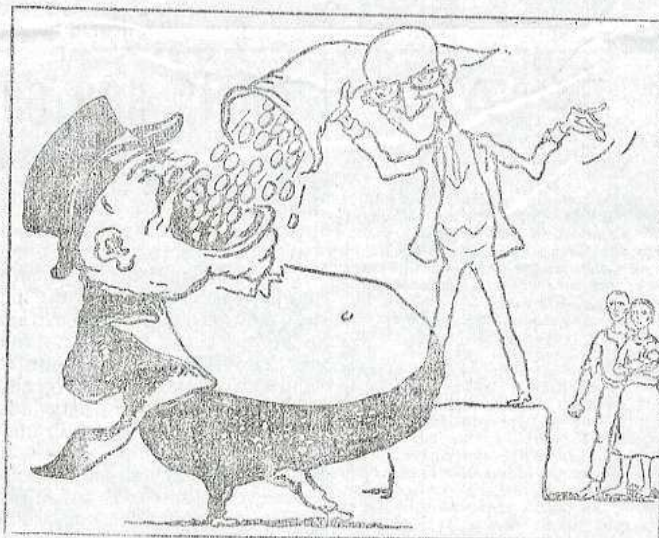
que esta polícia não tinha nada que se intrometer na vida dos ferroviários. Devido às muitas centenas de protestos, individuais e colectivos, o governo foi forçado a ordenar a libertação do ferroviário Firmino Martins preso no decorrer da luta. Noutros lados, porém, a acção criminosa das forças repressivas abalou temporariamente a determinação combativa dos ferroviários, experiência que deve ser tida em conta na fase seguinte da luta.

O aumento médio de 12,2% deixou ainda os salários dos ferroviários num nível extremamente baixo em relação a outros sectores operários. Não tendo atingido a necessária amplitude nem as formas de tipo superior e não tendo tido a conduzi-la uma forte rede de organismos, a luta dos ferroviários não reuniu ainda as condições indispensáveis para obrigar o governo e a C.P. a satisfazerem as reivindicações contidas na exposição reivindicativa dos ferroviários.

Pela sua própria experiência, os ferroviários colheram o ensinamento que os inimigos dos trabalhadores só ouvem a voz da luta, nada cedem de vontade própria e não abandonarão os seus privilégios se a isso não forem obrigados pela luta organizada do proletariado. Voltar agora a uma posição de espera, significaria para os ferroviários recuar na luta e curvar-se perante a vontade dos seus exploradores.

Para obterem a satisfação de todas as reivindicações apresentadas, os ferroviários poderão ter que voltar às exposições, aos abaixo-assinados, às cartas e telegramas, mas o que não se deve esquecer é que estas formas de luta são apenas uma parte de um caminho a percorrer para se chegar às reuniões, concentrações nas gerências e nos sindicatos, paralisações de curta duração e à greve.

Nenhuma luta, por pequena que seja, para ser bem conduzida, pode dispensar a organização. Esta exigência coloca-se com muito mais razão para uma luta da grandeza da dos ferroviários. Para levarem avante a sua luta pela satisfação das numerosas reivindicações não atendidas, os ferroviários têm necessidade de constituir comissões, grupos, comités e outras formas de organização, por toda a linha, nas grandes estações, nas oficinas e nos serviços centrais. Sem organização e persistência na luta a vitória não é possível.



« Procurar-se-á manter e, se possível, acelerar o ritmo da política social para que assegure mais equitativa distribuição de rendimentos »

(Marcelo Caetano, discurso de 27 de Novembro de 1968)

Melhas Barros (de Lisboa) a forma de luta usada pelos 800 operários para apoiarem as suas reivindicações foi a «cera».

Greve na Cimento Tejo

Os 400 operários desta empresa de Albandra fizeram greve no dia 12 de Fevereiro, iniciada numa secção e seguida por todas as outras. As várias comissões das secções apresentaram ao director as exigências de aumento de salários.

(continua na 6.ª pág.)

pela censura à acção combativa dos ferroviários, o LUTO FERROVIÁRIO tornou conhecida em todo o País a luta que travavam.

Deixando cair mais uma vez a máscara «liberalizante», M. Caetano lançou as forças repressivas, especialmente o bando de assassinos da PIDE, contra os ferroviários, numa tentativa desesperada de quebrar a luta e obrigar os trabalhadores a recuar nas suas justas exigências. Em muitos lados, a tentativa fracassou por completo: as forças repressivas nada puderam fazer e, nas oficinas da C.P., no Barreiro, os operários chegaram mesmo a expulsar dali uma brigada da PIDE, gritando



ESCALADA NAS GUERRAS COLONIAIS

O assassinato do dr. Eduardo Mondlane, presidente da Frente de Libertação de Moçambique, assim como a tentativa de assassinato, por processos semelhantes, doutro dirigente da FRELIMO, levantou em todo o mundo uma vaga de protestos e acusações contra o governo colonialista português, o primeiro interessado nesses assassinatos e que sempre tem recorrido aos mais criminosos processos para liquidar os seus adversários políticos.

O crime foi executado na véspera do 8.º aniversário do início da luta de libertação das colónias portuguesas em África e coincidiu com a visita do ministro da Defesa à zona de operações no Norte de Moçambique e com as suas optimistas declarações sobre a melhoria da situação militar nessas regiões. Coincidiu também com o reforçamento das alianças fascistas em África.

«Portugal e a África do Sul cooperam na luta contra as forças destruidoras do comunismo internacional» — afirmou em Joahnesburgo o ministro português da Defesa e reafirmou-o o próprio Marcelo na conversa telefónica inaugural do cabo submarino, que fica a ligar Lisboa à África do Sul.

Enquanto estreita, com a Rodésia e a África do Sul, os elos de alianças que ameaçam a luta de libertação nacional dos povos africanos, M. Caetano pretende também uma internacionalização das guerras de agressão. Procura maior apoio do imperialismo americano, oeste-alemão e dos outros comparsas da NATO para a sua política de exploração, do-

minação e guerras coloniais acentuando-lhes, por um lado, com a posição estratégica que as colónias portuguesas têm para a NATO; e por outro lado atraindo ainda mais capitais estrangeiros à rapina dos super-lucros coloniais que o tipo de colonialismo português lhes permite arrancar com excepcionais facilidades.

A recente visita de seis adidos militares estrangeiros à Guiné e do ex-ministro britânico Selwyn Lloyd a Angola e Moçambique, a convite do governo português, enquadram-se claramente nesta orientação. É contando com o apoio militar e financeiro dos seus aliados da NATO e com o aumento da expolição do povo

português que M. Caetano intensifica a escalada militar, reforça o apetrechamento das forças armadas e acelera os envios de tropas para as colónias.

Mas nem mesmo o assassinato de Mondlane e todos os outros crimes dos colonialistas portugueses, nem a política de alianças e conspirações em África, nem a escalada nas guerras coloniais, conseguirão evitar a conquista da independência pelos povos de Angola, Guiné e Moçambique. Aumentam os êxitos militares dos patriotas dos movimentos de libertação e cresce a luta anti colonialista do povo português. O fascismo-colonialista será derrotado!

MENSAGEM DE CONDOLÊNCIAS do Partido Comunista Português ao Comité Central da FRELIMO

Profundamente chocados e indignados com o vil assassinato de Eduardo Mondlane, presidente do vosso Partido, enviam-vos, queridos amigos, os nossos sinceros pêsames. Neste momento de dor do povo moçambicano, que sinceramente compartilhamos, queremos expressar à FRELIMO a plena confiança dos comunistas e da classe operária de Portugal em que a luta do povo moçambicano, assim como a dos outros povos dominados pelos colonialistas portugueses, prosseguirá até à libertação e à conquista da independência. Os assassinatos de Eduardo Mondlane são sem qualquer dúvida os fascistas-colonialistas portugueses, quase certamente os seus agentes da PIDE, — aqueles mesmos que oprimem o povo português e em Portugal assassinam os comunistas. A luta contra o inimigo comum une-nos cada vez mais estreitamente. Contai, queridos amigos, com a nossa total solidariedade.

O Comité Central do Partido Comunista Português.

BONN E LISBOA

O ministro da Alemanha Federal, Willy Brandt, acaba de ter conversações em Lisboa com o colega Franco Nogueira. Embora, como sempre, o tema da conversa se mantenha secreto, ambos reafirmaram total concordância de pontos de vista.

«Total concordância» — no momento em que o governo de Kiesinger prepara para Berlim Ocidental uma nova provocação em grande escala contra a República Democrática Alemã, contra a União Soviética e os países socialistas, com o apoio e inclinação do imperialismo americano e do seu agente Nixon.

A projectada realização das eleições presidenciais da Alemanha Federal em Berlim Ocidental tem dado origem aos protestos da União Soviética e de todas as pessoas que querem a paz, pois representa, não só uma clamorosa violação dos acordos estabelecidos entre os quatro grandes potências no Estatuto de Berlim Ocidental, como uma grave ameaça à segurança europeia.

Tal como Salazar sempre o fez, Marcelo apoia todas estas provocações, que são novos factores de insegurança e conflito na Europa e no Mundo, pois o clima de guerra fria, as pretensões expansionistas e os planos agressivos de Bonn facilitam e criam melhores condições de sobrevivência à ditadura fascista em Portugal.

Exactamente neste período em que o governo de Bonn vê reforçado o seu alreivamento expansionista com a colaboração do imperialismo americano, o governo caelista estreita os laços de cooperação, no plano económico, diplomático e militar, com a República Federal Alemã. Marcelo estreita cada vez mais Portugal aos regimes que são centros de conspiração contra a paz e bases de agressão.

O povo português não pode ignorar os perigos que esta política aventureirista acarreta para Portugal e deve protestar contra ela enérgicamente. O combate pela liberdade e pela democracia em Portugal está intimamente ligado à luta por uma política externa de paz e convívio internacional.

Última hora

NO PORTO

ESTUDANTES EM LUTA

No dia 27 de Fevereiro centenas de estudantes universitários, liceais e das escolas técnicas do Porto reuniram-se no recinto da Universidade para discutirem os seus problemas. O reitor chamou a polícia de choque e a PIDE, que entraram brutalmente na Universidade, espancando a torto e a direito. Travou-se luta, e os polícias não foram os menos agredidos.

No dia seguinte, centenas de estudantes iniciaram uma marcha de protesto desde a Universidade até à Cantina Universitária, em pleno centro do Porto e na hora de maior movimento. Pelas 7 horas da tarde, à porta da Cantina, os estudantes fizeram um comício relâmpago, explicando as razões do seu protesto, denunciando o papel policial do reitor e a repressão. Largas centenas de pessoas cercaram-nos a ouvi-los e aplaudi-los. Pouco depois, carros com forças policiais atacaram os estudantes, que voltaram a defender-se.

Nos dias seguintes fizeram novas marchas, explicando em plena rua a sua razão e o seu protesto.

ESTUDANTES DE LISBOA E DE COIMBRA E POPULAÇÃO DO PORTO — solidarizai-vos com os estudantes do Porto! Exigi a demissão do reitor-polícia da Universidade do Porto!

Quantias recebidas dos amigos do Partido

Afonso Gregório	10\$00	da Mergem Sul	110\$00
Alentejanos vermelhos (GV)	1.140\$00	Uma iniciativa	400\$
Anti-revisão cionismo	1800\$00	Um camarada dedicado(V)	290\$00
À memória de Manuel R. da Silva	100\$00	Um corticeiro	600\$00
Amigo (L)	5\$00	Um casal alentejano	42\$00
Assim foi		Um amigo	50\$00
Temporado		Idem	38\$00
o eco	105\$00	Um economista democrata	200\$00
Avante pela liberdade	20\$00	Idem	100\$00
Celheiros livres	20\$00	Um emigrante (10 fr. f.)	55\$00
Colaboração dos trabalhadores	25\$00	Um grupo de amigos	25\$00
Dinis Miranda	20\$00	Unidade antifascista	100\$00
Ferroviário B.B.	20\$00	Unidade na acção	440\$00
John Reed	20\$00	Idem	220\$00
José Adelinho dos Santos(A)	150\$	Unidos vanderemos	50\$00
Liberdade para os presos políticos (VIT)	40\$	Unidos seremos invencíveis	10\$00
Mãe orgulhosa	1.000\$00	Unidos como os dedos da mão	10\$00
Operário Félix Natal 1968	50\$00	Unidos (TP)	1.000\$00
Pela independência	25\$00	Velhos camaradas	350\$00
Pela liberdade	30\$00	Veiga de Oliveira	500\$00
Prostacão Tudo nor	50\$00	Vidreiro vermelho	20\$00
Tudo (I)	1.000\$00	Vietnam livre	33\$00
Idem (2)	4.500\$00	Idem	20\$00
Uma família Monteziano (I a 5)	500\$00	e heróico	40\$00
Uma amiga do Partido	150\$00	Viva a grande U.R.S.S.	100\$00
Uma comissão		2 republicanos pelo 5 de Outubro	200\$00
		12 L. 21 P	105\$00
		24 de Novembro	50\$00
		TOTAL	15.925\$50

Quais são os especuladores?

A demagógica campanha governamental batizada de «guerra à subida dos preços» visa, em primeiro lugar, manter e justificar a política fascista de congelamento de salários. Visa, em segundo lugar, provocar a expectativa entre a população evitando a luta contra a subida do custo de vida e paralisando a luta reivindicativa operária. Em terceiro lugar, visa esconder os verdadeiros culpados da subida do custo de vida — os monopólios e o seu governo — desviando as atenções populares e lançando o seu ódio contra os pequenos comerciantes e os pequenos especuladores.

Serão estes os grandes responsáveis pela subida do custo de vida? Quem decretou o aumento da portagem da ponte sobre o Tejo, o aumento do preço da carne, do arroz, do azeite, da batata, do tabaco, não foi o próprio governo fascista? Quem permitiu aos monopólios os aumentos da Carris de Lisboa, da electricidade e da água em Coimbra, da gasolina e dos combustíveis que por sua vez provocaram os aumentos das carreiras de camionagem em várias regiões do país, não foi o governo fascista? Quem pede ainda maior aumento das rendas de casa (como se achasse ainda pouco o que elas têm subido), não é um deputado fascista na chamada Assembleia Nacional?

Quem tem decretado sucessivas medidas de protecção à Siderurgia Nacional que encarecem

cada vez mais os produtos metalúrgicos necessários à agricultura, às conservas alimentícias, ao consumo público? — é o governo fascista.

E ainda o governo fascista protector dos monopólios, lhes permite aumentos dos adubos, rações, insecticidas, que vão incidir na consequente subida dos produtos agrícolas — dessas hortaliças e frutas cujos preços elevados andam agora a ser «vigilados» pelos agentes da Inspeção Geral das Actividades Económicas.

A realidade é que os preços continuam a subir e os salários não acompanham, nem de longe, a subida do custo de vida. Os salários só aumentam, e com atraso em relação ao custo de vida, quando o proletariado industrial e rural força pela luta o patronato a dar esse aumento.

O governo de Marcelo apregoa que os salários só podem subir se aumentam antes a produtividade (a verdade é que se trata essencialmente da intensificação dos ritmos de trabalho). Esta burla tem o fim de proteger e aumentar os escandalosos lucros dos monopólios nacionais e estrangeiros à custa da maior exploração dos trabalhadores. A diminuição do custo de vida e os aumentos de salários são possíveis, e já; basta que os grandes monopólios e os grandes capitalistas da agricultura reduzam os seus fabulosos lucros.

SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL

Na União Soviética, são incessantes as manifestações de solidariedade para com o povo português. Os pioneiros e Komseml continuam realizando meetings e encontros, procedendo a colheita no fundo, enviando roupas para as vítimas do fascismo e brinquedos para as crianças portuguesas que vivem na clandestinidade e filhos de democratas presos. As meções e telegramas de solidariedade são numerosos. Nestas magníficas acções, destacam-se o Club de Amizade do Palácio dos Pioneiros de Moscovo, a Escola Manuel Rodrigues da Silva e o destacamento de pioneiros «Avante» que adoptaram o nome do dirigente do PCP morto na União Soviética e do órgão central do PCP, como homenagem à luta de classe operária e dos comunistas portugueses.

Em França, por iniciativa dos Comités de Ajuda à luta do povo português têm-se realizado diversas acções de solidariedade, entre as quais se destaca a «Gala» do dia 1 de Dezembro de 1968 na grande sala da «Mutualité».

O Conselho Central de Juventude Livre Alemã e a Federação dos Sindicatos Livres Alemães enviaram telegramas ao governo de M. Caetano protestando contra a repressão, exigindo a libertação dos presos políticos e o restabelecimento das liberdades democráticas e dos direitos sindicais.

No Parlamento Inglês, seis deputados trabalhistas (J. Lester, F. Judd, A. Lyon, F. Hooley, E. Brooks e J. Frazer) do regresso de uma viagem à Zâmbia, declararam que os colonialistas portugueses, nos actos agressivos na fronteira da Zâmbia, utilizaram armas da Nato, designadamente foguetes ar-terra de 37 mm tipo 447 Snab, e aviões de jacto Sabre. Pediram ao governo inglês para intervir para que tais armas não sejam utilizadas em África.

No Senado de Bélgica, o senador Calweert (socialista) afirmou que os direitos do Homem e os princípios democráticos são calcados aos pés pelo governo fascista português e pediu a revisão da atitude do governo belga.

Numerosas mensagens com saudações e votos foram enviados ao PCP, ao povo português, aos trabalhadores, à juventude e às mulheres de Portugal por ocasião do Ano Novo. Até agora chegaram ao nosso conhecimento as seguintes: Do P.C.U.S. (assinada pelo camarada Brejnev), do PC Francês, da Federação Sindical Mundial, do Conselho Mundial da Paz (assinada por Isabel Blume), do Instituto Internacional da Paz, da F.M. da Juventude Democrática, da F.D. Interna-

(continua na 2.ª pág.)

VITÓRIA DO MOVIMENTO ASSOCIATIVO EM COIMBRA
novas greves, reuniões e assembleias estudantis

Após a ofensiva repressiva lançada contra o movimento associativo no Instituto Superior Técnico de Lisboa, que desencadeou a greve de uma semana de cerca de 15.000 estudantes — a quase totalidade dos alunos da Universidade de Lisboa — e levantou um clamor de protestos nas Universidades de Coimbra e Porto, o governo de M. Caetano, dois meses depois, volta a trocar a demagogia «liberalizante» pela violência policial, mandando encerrar e ocupar pelas forças repressivas a Faculdade de Direito de Lisboa.

A solidariedade estudantil do Porto e Coimbra não se fez esperar. No Porto, as Comissões Organizadoras das Associações de Estudantes solidarizaram-se com os seus colegas de Lisboa publicando os seus documentos a fim de esclarecerem a massa associativa, e enviando telegramas de protesto ao ministro da Educação Nacional.

Assim, numa Assembleia Magna que reuniu mais de 3.000 estudantes da Universidade de Coimbra, foram aprovadas as seguintes resoluções: telegrama de protesto ao ministro da Educação reafirmando a total solidariedade dos estudantes de Coimbra aos seus colegas de Lisboa; mensagem de apoio aos estudantes de Lisboa; eleição de 3 estudantes para representarem a Universidade de Coimbra na Comissão Nacional; aprovação dos 8 pontos.

Foi ainda devido ao mesmo espírito combativo que os estudantes de Coimbra alcançaram uma importante vitória para o movimento associativo: a realização de eleições na Associação Académica, que elegem por esmagadora

maioria a lista associativa (numa proporção de 6 para 1), esboralhando a Comissão Administrativa que há mais de 3 anos lhes fora imposta pelo governo.

Esta vitória, que os estudantes de Coimbra festejaram alegremente em marcha e empunhando cartazes pelas ruas da cidade, e a que a população se associou, é também uma vitória do movimento associativo no seu conjunto. A realização de eleições na Associação Académica foi o resultado da acção firme e unida dos estudantes através da Comissão Pró-Eleições, de numerosas reuniões gerais e concentrações em que participaram milhares de estudantes e não uma dádiva do governo.

Com a expulsão das Comissões Administrativas da Faculdade de Ciências de Lisboa e da Associação Académica de Coimbra, os estudantes conseguiram ver satisfeita a primeira reivindicação dos seus «8 pontos» fundamentais. Prosseguindo a sua luta pelos seus interesses específicos ao nível de cada escola, os estudantes reforçam a unidade em torno das restantes reivindicações ao nível nacional, e que são as seguintes:

- legalização de todas as comissões Pró-Associação e criação de condições para elas se constituírem onde ainda as não houver;
 - revogação de toda a legislação anti-associativa e anti-estudantil;
 - participação de estudantes democraticamente eleitos na gestão dos serviços criados pelo governo;
 - participação de estudantes democraticamente eleitos no governo da Universidade;
 - intervenção das Associações de Estudantes na qualidade de únicos representantes dos estudantes, em todas as questões e instâncias onde se decida da vida e da Reforma da Universidade e do ensino em geral;
 - legalização de órgãos federativos e lançamento das bases de uma União Nacional dos Estudantes Portugueses;
 - Amnistia de todos os estudantes expulsos e presos e reintegração na Universidade de todos os professores expulsos;
- Nas escolas técnicas, os estudantes lutam com sucesso contra os aumentos das quotas para a odiada Mocidade Portuguesa.

Na Escola Veiga Beirão, em Lisboa, os alunos, da noite, cerca de 1.500, entram em greve e organizam piquetes para evitar «furos». Concentrando-se no pátio, deitam-se no chão em sinal de protesto e forçam o director a prometer uma reunião com o ministro para solucionar o problema, conseguindo também que alguns alunos pobres da noite ficassem isentos do pagamento das propinas.

Na Escola Industrial de Vila Franca, mais de 300 estudantes do curso da noite fazem greve às aulas e, empunhando cartazes, concentraram-se no átrio da escola. A polícia, que procurava intimidá-los, foi vaiada, e o mesmo acolhimento teve o presidente da Câmara pouco depois. O director foi obrigado a prometer que discutiria superiormente o problema da quota e a anular imediatamente algumas decisões internas contrárias aos interesses dos estudantes.

Nas Escolas Francisco Arruda e Afonso Domingues, em Lisboa, lutaram igualmente centenas e centenas de estudantes. Na Afonso Domingues fazem greve com sucesso e enfrentam corajosamente as forças policiais. Contra a prisão de um colega recorrem de novo à greve até conseguirem a sua libertação.

No Instituto Industrial do Porto, apesar da presença de agentes da Pide chamados pelo director, cerca de 400 estudantes realizaram uma reunião para discutir os problemas expostos num extenso caderno reivindicativo enviado ao Ministro da Educação.

Na Faculdade de Direito de Lisboa os estudantes estão em luta pela homologação da sua direcção associativa. Por sua vez, o movimento pró-associativo dos estudantes do ensino liceal de Lisboa elegeu recentemente uma direcção numa ampla e animada Assembleia Geral.

Unidos e combativos, os estudantes portugueses não confiam nas promessas demagógicas do governo e reforçam a sua luta por «Uma Universidade para a Nação!». Na batalha, pela democratização e reforma do ensino no nosso País, os estudantes, os intelectuais, os trabalhadores, o povo português em geral e as forças democráticas em particular, trabalham um só combate. Acções solidárias aos estudantes em luta!

ALGUNS DOS PRESOS DE PENICHE

«o tema dos presos políticos é pura exploração comunista ou crypto-comunista»
(Ministro do Interior Rapazote, em 19 de Novembro)

Nome dos presos	Tempo já passado na prisão	Data em que terminem a pena e entrem em medidas de segurança
Manuel Baridó	18 anos e 0 meses	23-7-1966
José Magro	15 « e 7 «	13-12-1975
Carlos Costa	14 « e 2 «	1-2-1974
Guilherme de Carvalho	15 « e 6 «	7-1975
António Dias-Lourenço	12 « e 7 «	13-2-1980
Joaquim Pires Jorge	12 « e 5 «	15-6-1972
Júlio Martins	11 « e 9 «	15-12-1969
João Honrado	10 « e 9 «	24-10-1967
Afonso Gregório	9 « e 7 «	10-1969
Rogério de Carvalho	9 « e 3 «	1979
Jorge Araújo	7 « e 10 «	8-5-1970
Octávio Pato	7 « e 3 «	15-6-1970
José Carlos	7 « e 3 «	5-1972
Fernando Bianqui Teixeira	6 « e 11 «	1972
José Bernardino	6 « e 10 «	10-1966
Domingos Abrantes	6 « e 5 «	2-1975
Manuel Rodrigues	5 « e 10 «	3-1966
Adelino Pereira da Silva	5 « e 2 «	11-2-1968
António dos Santos Graça	5 «	31-3-1969
Hídio Esteves	4 « e 9 «	6-10-1970
Álvaro Veiga de Oliveira	3 « e 3 «	20-12-1969

O povo português não aceitará passivamente que estes e muitos outros dos seus melhores defensores, que se encontram nos cárceres fascistas, aí sejam lentamente liquidados. Lutará cada vez com mais determinação pela libertação dos presos políticos, pela Amnistia.

A VIDA DE GRIGORIS FARAKOS EM PERIGO

Nos fins de Novembro foram presos em Atenas o camarada Grigoris Farakos, membro da Comissão Política do CC do PC da Grécia, e outros destacados membros do Partido e da Frente Patriótica contra a Ditadura. O camarada G. Farakos, que tem 45 anos, é um activo militante desde a sua juventude. Na vida clandestina, na luta armada durante a Resistência e a guerra civil, no trabalho do P., de cujo CC é membro desde 1961, deu sempre provas de dedicação e coragem. É a sétima vez que é preso. A Junta fascista grega ameaça de extermínio, seja

com torturas, seja por condenações à morte, estes corajosos filhos do povo grego. Os comunistas e o povo de Portugal, que durante os longos anos de tirania fascista têm recebido tantas e tão repetidas provas da solidariedade dos comunistas e do povo da Grécia, não podem ficar indiferentes à repressão fascista no seu país. Escrevei à Embaixada da Grécia, Rua Augusto Gil, 1, 2.º Lisboa-1, exigindo que cesse o terror fascista, protestando contra a prisão de G. Farakos e seus companheiros, exigindo a libertação dos presos políticos.



MENSAGEM DO P. C. PORTUGUÊS ao XII Congresso DO PARTIDO COMUNISTA ITALIANO

O Partido Comunista Italiano acaba de realizar com sucesso o seu XII Congresso. Na saudação aos nossos camaradas italianos, o Comité Central do P.C.P. afirma nomeadamente:

«Os comunistas e a classe operária de Portugal acompanham com extremo interesse a actividade do vosso Partido, porque sois um grande Partido dum grande país e porque, no mundo contemporâneo, a luta da classe operária e dos comunistas de todos os países está indissolúvelmente ligada pela identidade de objectivos, pela necessidade da unidade de acção frente ao imperialismo, pela influência recíproca. Os sucessos e insucessos da luta revolucionária em qualquer país fortalecem ou enfraquecem as forças do socialismo e a frente mundial anti-imperialista e em consequência não se podem considerar questões respeitando apenas ao país respectivo. Por isso nos alegram os vossos êxitos como se fossem êxitos próprios. Por isso, desejamos, do coração, queridos camaradas, o melhor êxito aos trabalhos do vosso Congresso, certos de que este constituirá um passo mais no caminho que conduz a uma Itália socialista e de que contribuirá para o reforço do movimento comunista no seu conjunto».

Depois de se referir ao agravamento da crise do regime fascista após a incapacidade física de Salazar e à política do nosso Partido

para combater a demagogia «liberalizante» do governo de M. Caetano; o C.C. manifesta a gratidão dos comunistas e do povo de Portugal pelas acções de solidariedade dos comunistas e trabalhadores italianos, acrescentando: «É porque o Partido Comunista Italiano, pelos longos anos de luta clandestina, pela repressão que sofreu, pelos sacrifícios dos seus militantes assassinados e presos nos anos sombrios do fascismo, conhece pela sua própria experiência a importância da solidariedade internacional para com um partido e um povo que lutam nas condições duma ditadura fascista, permiti também que manifestemos a certeza de que a vossa solidariedade será cada vez mais activa e eficaz».

Os nossos dois partidos lutam em condições muito diversas, de que resultam diferenças de orientação e de tática. Une-os a identidade de objectivos, a ideologia, a fraternidade de combate no seio da maior força política e revolucionária jamais existente na história da humanidade. Que se estreitem e reforcem os laços de amizade entre os nossos dois partidos. Que se estreitem e reforcem a cooperação dos partidos comunistas e operários em encontros bilaterais e multilaterais. Que se estreite e reforce a mútua solidariedade entre as três grandes forças do processo revolucionário mundial: o campo socialista tendo à

sua frente a União Soviética, o movimento operário internacional e o movimento nacional-libertador. Que se estreitem e reforcem a amizade, a troca de experiências, a discussão fraternal, o entendimento, a unidade de acção do movimento comunista, na base dos princípios do internacionalismo proletário. Que a próxima Conferência Internacional dos partidos comunistas e operários seja coroada de inteiro sucesso».

ÚLTIMA HORA

**AFONSO GREGÓRIO,
JOSÉ BERNARDINO E
MANUEL RODRIGUES
em liberdade!**

A acaba de nos chegar a notícia da libertação destes três valentes combatentes da luta do nosso povo, há longos anos encarcerados. Saudamos a sua libertação a qual se deve ao grande movimento de solidariedade nacional e internacional desenvolvido à sua volta.

«ESTADO DE EXCEPÇÃO» EM ESPANHA

No dia 24 de Janeiro, o governo franquista decretou o «estado de excepção». Juridicamente, o «estado de excepção» significa que a polícia pode proceder a buscas sem ordem dum tribunal e fixar residência a «suspeitos»; que a prisão preventiva pode exceder 72 horas; que é restabelecida a censura à imprensa; e que ficam suspensas as liberdades de reunião, associação e expressão. A proclamação do «estado de excepção» foi acompanhada por uma ofensiva repressiva, com vistas a quebrar o amplo e poderoso movimento de massas populares: stops, rusgas, prisões sucedem-se em toda a Espanha. O fascismo espanhol, que pretendeu esconder a sua natureza atrás duma «liberalização do regime», mostra novamente as garras afiadas do seu

aparelho repressivo.

Para as forças democráticas portuguesas, estes acontecimentos encerram uma lição de extraordinária actualidade. Tal como hoje em Portugal há opositoristas que consideram que o fim do fascismo resultará da política «liberalizante» de M. Caetano e da desagregação interna do regime, assim também em Espanha muitos acreditaram em que a ditadura fascista desapareceria por um processo de decomposição interna, que os métodos fascistas não poderiam mais ser reinstaurados, que a decomposição do regime e o processo de «liberalização» seriam irreversíveis.

A verdade é o que o fascismo, enquanto dispõe do aparelho do Estado (polícia, forças armadas, burocracia) e duma direcção centralizada, não se demite em Espanha como não se demitirá em Portugal.

Em Espanha verificou-se de facto um processo de «liberalização» e, apesar disso, o regime esteve em condições de anular duma penada as medidas «liberalizantes», quando sentiu o perigo do amplo movimento popular. Em Portugal, por enquanto, o governo não vai além de demagogia e o movimento operário e democrático não adquiriu ainda as amplas e vigorosas expressões que adquiriu no país vizinho. Aqueles que em Portugal vêm já um «processo de liberalização irreversível», que cuidam que o fascismo se demitirá, respeitará alguma vez a vontade nacional, que cuidam que a ditadura poderá ser varrida na nossa terra sem grandes movimentos de massas e sem uma luta revolucionária aguda, navegam em ilusões ainda menos injustificadas que a daqueles que em Espanha acreditaram em que o fascismo estava não só moribundo como morto.

Que a lição aproveite a toda a Oposição portuguesa.

Neste momento difícil, expresamos a nossa solidariedade fraternal ao heróico Partido Comunista de Espanha, à classe operária e às forças democráticas do país vizinho. O glorioso povo espanhol está já mostrando que não se deixará intimidar pela ofensiva das forças reacçãoárias e continuará corajosamente a luta até libertar a sua pátria da ditadura fascista que a oprime há 30 anos.

OS TRABALHADORES EM LUTA

Manifestação em Santo Tirso

Em frente da Câmara, muitas centenas de operários e operárias têxteis, com os filhos nos braços, concentraram-se gritando «Pão ou Trabalho!» Eram dos 1.700 operários que o encerramento da Fábrica de Fiação e Tecelagem Rio Vizela lançou ao desemprego.

Esta grande acção de massas foi a resposta dos desempregados aos convites à emigração feitos pela Câmara, como única solução apresentada para o seu desemprego e miséria.

Empregados de limpeza de Lisboa

Os empregados de limpeza dos serviços camarários iniciaram acções reivindicativas por aumento de salários. Exigem 30\$00 de aumento diário. Esta acção, como a dos carteiros que fizeram uma concentração de 300 na Praça do Comércio, também em Lisboa, representa a entrada em luta de novos sectores, directamente contra o Estado e as autoridades fascistas e a sua política de congelamento de salários.

NA CUF — 3 paralisações de trabalho — Os operários da CUF que já há muito vinham lutando por aumento de salários, obtiveram uma vitória parcial, que já noticiámos, mas que não os satisfaz

Na zona têxtil, operários e operárias fizeram duas paralisações de trabalho na secção de fiação, com 300 trabalhadores e outra paralisação na secção de acabamentos, com cerca de 100 pessoas. Estas acções tinham o fim de apoiar a reivindicação do pagamento do 4.º domingo.

GREVE NA FIRSTONE — No dia 13 de Fevereiro, os 100 operários duma secção desta fábrica de Alcochete fizeram uma paralisação de trabalho exigindo aumento de salário de 25\$00 diários. Só pegaram de novo quando o representante dos patrões americanos lhes prometeu que seriam satisfeitos.

GREVE NA CORAME — Os operários fizeram dentro da empresa uma greve de braços caídos para reivindicar o aumento de salários já há muito apresentado.

OUTRAS ACCÇÕES POR AUMENTO DE SALÁRIOS: Na Previdente a exigência do pagamento do 7.º dia saiu vitoriosa. No Parque Aeronáutico de Alverca os operários receberam a resposta de que o aumento seria concedido até fins de Fevereiro. Na Oliva circula um abaixo-assinado, também na TAP foram recolhidas perto de 700 assinaturas, assim como na Companhia Nacional de Electricidade.

No Anuário Comercial, durante todo o mês de Fevereiro os trabalhadores têm feito «cera».

Os operários de 3 pequenas fábricas de plásticos de Leiria uniram-se para apresentar em conjunto as suas reivindicações. Acabamos de ter conhecimento que fizeram ainda GREVE os operários da Standard Elétrica, Lapidação de Diamantes, Automática Elétrica e da fábrica BARROS de Cabo Ruivo.

Muitos milhares de trabalhadores (bancários, empregados de imprensa, de seguros e de farmácia, enfermeiros, delegados de propaganda médica, etc.) vêm lutando nos sindicatos fascistas por reivindicações económicas e sociais e pela eleição de direcções honestas.

8 DE MARÇO

No Dia Internacional da Mulher, o «Avante!» saudou todas as trabalhadoras em luta! Contam-se por milhares, as mulheres que neste momento participam na grande batalha reivindicativa contra a política fascista de exploração e congelamento de salários, contra o aumento do custo de vida.

As trabalhadoras e as mulheres progressistas de Portugal têm um lugar de destaque no actual ascenso de luta reivindicativa e da acção democrática, na luta contra as guerras coloniais. A todas dizemos neste dia: «Avante na luta pelo pão, pela paz, pela democracia!».

CONTRA A REPRESSÃO NO IRÃO

O governo despótico do Irão continua a repressão sangrenta contra os camaradas do Partido Tudeh, contra os partidários de Mossadegh, contra a oposição clerical, contra a população kurda e adzerbaijana. Sucodem-se os fusilamentos e enforcamentos de democratas e patriotas. Nós protestamos contra os crimes do governo do Irão, manifestamos a nossa fraternal solidariedade ao Partido Tudeh do Irão e juntamos a nossa voz à de todos quantos reclamem a libertação dos presos políticos iranianos.